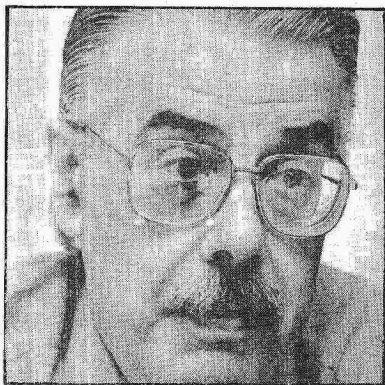


Pastore prevê choque

EX-PRESIDENTE DO BC OBSERVA PERÍODO DE DIFICULDADES

Com o presidente Fernando Collor (o cenário “mais complicado”) ou com Itamar Franco (o cenário “mais favorável”), aumenta a probabilidade de uma nova política econômica heterodoxa — ou seja, congelamento, prefixação ou “alguma política de rendas” (controles de preços e salários). Nos dois cenários, “vamos ter algum componente de intervenção, na tentativa de reduzir a inflação”, prevê o ex-presidente do Banco Central, Affonso Pastore. Ele afirma não defender esta ou aquela política: “Eu não estou propondo nada. Só conjecturando”, disse a 150 corretores na Bolsa de Valores de São Paulo, a convite da Associação Nacional das Corretoras (Ancor).

Se Itamar ascender à presidência, ele terá como principais partidos de sustentação o PMDB e PSDB, que provavelmente ficará com a área econômica. “Há nos economistas do PSDB críticas ao *approach* gradualista”, diz Pastore, explicando: “Na visão deles, o gradualismo produz queda muito lenta na inflação e a recessão é profunda demais por muito tempo”. A crítica ao



Carlos Rodrigues/AE

Passeata em Porto Alegre

gradualismo é a base do pensamento de André Lara Resende e Pêrsio Arida (que produziram o Plano Larida antes do Cruzado), de Chico Lopes e Eduardo Modiano.

Se Itamar substituir Collor, ele terá direito ao chamado *honey moon effect* (efeito lua de mel), no qual o novo governo “ganha de graça um estoque de credibilidade que tanto pode ser consumido como ser ampliado”. A possibilidade “de não mudar o governo” exige, segundo Pastore, um raciocínio de sobrevivência inspirado em “O Príncipe”, de Maquiavel. Foi o instinto de sobrevivência que animou o presidente argentino, Carlos Menem, a baixar o Plano Ca-

vallo, que assegurou um ano e meio de tranquilidade e só agora começa a desfazer-se e por isso não deverá inspirar o novo plano brasileiro.

No Brasil, só a motivação política predominará no cenário de manutenção de Collor, por isso “a turbulência é maior nesta hipótese”, argumenta. “Quando eu olho para os mercados, vejo isso — afirma Pastore. A Bolsa sobe ou cai conforme a possibilidade de Collor cair ou ficar. Com Itamar as possibilidades de controle da economia são vistas como maiores. No Exterior, só se olhava para a permanência ou não de Marcílio. Mas agora os banqueiros internacionais estão raciocinando como aqui. A governabilidade cresce com um acerto político”.

Pastore recomendou aos investidores que espalhem seus recursos “em todos os ativos” e “não se mexam muito”. Não há, hoje, “como estreitar o risco”, pois “espera-nos um período de dificuldades”. Ele rejeita a simples hipótese de um alongamento compulsório da dívida pública, “o que seria um enorme erro, sem vantagens para ninguém”.

Fábio Pahim Jr.